

---

**Resenha de  
MORIN, Edgar: Amor, poesia, sabedoria. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012**

---

**Maria Cristina Cardoso Ribas<sup>1</sup>**

*Devemos fazer tudo para desenvolver nossa racionalidade, mas é em seu próprio desenvolvimento que a racionalidade conhece os limites da razão e efetua seu diálogo com o irracionalizável.*

*Edgar Morin*

Esse pequeno livro de junho de 1997 agrupa três conferências pronunciadas em Grenoble, Strouga e Paris, entre 1990 e 1995. É possível que a sensação de quase clareza das palavras – o leitor logo percebe - venha pela proximidade da palavra oral...

Em princípio, não se espera o que se lê. O leitor habituado a reflexões sobre a complexidade, afeito a discussões teóricas acerca do mundo em convulsão, leva um golpe certo nas expectativas de sua porção intelectual. Pode pensar: ‘que livro bobo’, ‘encomendado’, ‘confuso’. Mas logo no Prefácio, Morin, tangendo a quase lira dos noventa anos, defende o ‘irracionalizável’. A observação sugere uma defesa do homo demens em detrimento da hegemonia do sapiens. E justo nesse momento da leitura vem a dúvida: que qualidade do ‘homo’, a que chama animal insuficiente, Morin quer defender? Sem resposta, o leitor segue o saudável (des)caminho da leitura.

Amor, poesia, sabedoria. Três palestras, três tópicos, três cidades. Elogio do simples que se dobra no complexo do ser humano. O pensador arrisca e escreve o quase óbvio. Indagações retóricas, perguntas que se respondem e o curioso do livrinho é que em sua pequena dimensão consegue adentrar os poros da nossa vida cotidiana, da pele em que se habita. Ora, se for uma leitura na expectativa de que tudo tenha lógica, alguma explicação satisfatória que tranquilize os intelectos mais inquietos, a passagem pelo livro será quase impossível. “Nosso cotidiano vive sempre em busca de sentido. Mas o sentido não é originário, não provém da exterioridade de nossos seres.” Frase que sinaliza o significante como reduto sempre preenchível, um também quase diálogo com Nietzsche – se parasse aí. Mas nesse ponto (e vírgula) da leitura, uma certa decepção.

Morin não aguenta o silêncio e preenche o vazio com sua resposta, talvez mobilizado por não calar diante das questões viscerais do mundo, violência, utopia e barbárie, ou simplesmente obediente às regras de proximidade com os seus ‘ouvintes’. Então ele nos explica de onde o sentido emerge: “da participação, da fraternização, do amor.”

De novo três atributos, quase a Trindade Santíssima, textos que não precisam ser lidos em sequência, que falam das irrupções do imaginário, do amor como “o ápice mais perfeito da loucura e da sabedoria”. E a poesia? Não somente um modo de expressão literária (que já não é pouco), mas como um estado segundo do ser que advém de participação, fervor, comunhão e do próprio amor, para onde Morin sempre retorna.

O retorno é quase eterno e vem em ondas carregadas de tensão, conflitos, apagamentos. Segue uma listagem dos temas que marcaram o século XX: a destruição da ideia de salvação terrestre, a perda da garantia do progresso como fruto da evolução histórica, o abalo no próprio termo

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras (1982) e Mestre em Literatura Brasileira (1987) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Doutora em Letras (1997) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Desde 2003 é professora adjunta do Departamento de Letras da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). É pesquisadora da Cátedra UNESCO de Leitura da Unesco. Orienta bolsistas de iniciação científica UERJ e Faperj, e de Iniciação à docência.

‘evolução’, a percepção do individualismo como engodo, a rasura na ciência como verdade, nos benefícios da indústria, nas melhorias da técnica. Enfim, a constatação da situação de perdição do planeta – segundo desabafa, mundo desprovido de centro em uma galáxia periférica. E logo faz a ressalva salvadora: “Mesmo assim, possuímos plantas, pássaros, flores, assim como a diversidade da vida [...]Doravante, aqui residirão nosso único fundamento e nosso único recurso possível.”

Ao final, Morin (re)volta ao amor que contém o desamor. A fonte do sofrimento humano reside na incompreensão do outro, na autojustificação e self deception. Mas com a sua prática de resistência, nos dois sentidos que a palavra permite, logo apresenta alternativa - o caminho da ética, onde se encontra a sabedoria: “no esforço da compreensão e não da condenação, no autoexame que comporta a autocrítica e que se esforça em reconhecer a mentira para si próprio.” O livro chega quase lá.